

Ciberespaço como rede de narratividade: A narrativa como experiência¹

Ana Claudia de Oliveira² (coordenadora)

Marina Wajnsztein³

Jô de Souza⁴

Valdenise Leziér Martyniuk⁵

Simone Bueno da Silva⁶

Resumo

Os cinco estudos em debate abordam manifestações do ciberespaço que trazem a luz as discussões sobre as construções narrativas dos sujeitos no ambiente virtual. Primeiramente, temos uma análise sobre as estratégias de manifestação do sujeito no site Flickr, em seguida, o vídeo Des(encontro) articula diferentes formas de construção artística, usando imagens capturadas por aparelhos celulares; o terceiro texto aborda as novas relações entre sujeitos consumidores e marcas de produtos e serviços proporcionadas pela interatividade do ciberespaço, o quarto aborda a comparação entre o discurso de um reality show (Big Brother Brasil) e sua interconexão com manifestações do Orkut e, em conclusão, o último trabalho fundamenta como a rede de narratividades, que é formada pelas narrativas em que os destinadores se posicionam como sujeitos construídos no contexto público do virtual, é atualizada por diferentes estratégias enunciativas que fazem esses actantes serem vistos, dando a ver como se sentem, atuam, enfim, estão presentes no mundo. Definidos por sua ação de ser visto e de ver, os atos performáticos que engendram a visibilidade comunicativa circulam nos tipos de interação, mostrando o próprio sujeito, o outro com quem interage e o social da ambientação digital em que assumem regimes de presença. O discurso é, pois, essa conversão espessa que, materializa as estruturas fundamentais no grande cenário tramado pelos percursos enunciativos, intersubjetivos, intersomáticos, figurativos, em que o sentido advém pelos tipos de interações discursivas na tessitura do fazer interpretativo. As narrativas do ambiente digital serão abordadas como experiências de mundo(s) que configuram os regimes de presença social na era da globalização.

Palavras-chave

ciberespaço; redes sociais; enunciação; narratividade; visibilidade

¹ Proposta de mesa temática apresentada ao eixo temático “Redes sociais, identidade e sociabilidade”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

² Proponente da mesa: Profa. Dra. Titular PUCSP: Comunicação e Semiótica, Centro de Pesquisas Sociosemióticas – CPS. Email: anaclaudiamei@hotmail.com

³ Mestranda PUCSP: Comunicação e Semiótica, CPS. Artigo: Narrativas digitais e comunitárias: Um novo jeito de construir histórias coletivamente pelo site Flickr. Email: mavaixten@yahoo.com.br

⁴ (Mestranda PUCSP: Comunicação e Semiótica, CPS. Docente da graduação de moda da UNIFMU-SP. Artigo: Modos de narrar do vídeo experimento Des (encontro). Email: zizizaza@gmail.com

⁵ Profa. Dra. PUCSP: Administração e MBA em Marketing, Centro de Pesquisas Sociosemióticas - CPS. Artigo: Os deslocamentos dos sujeitos narrativos na nova comunicação mercadológica. Email: valdenise@pucsp.br

⁶ Doutoranda PUCSP: Comunicação e Semiótica, CPS. Artigo: A construção narrativa do sujeito na mídia massiva e Internet. Email: sim-bueno@hotmail.com

Proposta da mesa

O próprio do estar no ciberespaço é estar em rede pelo uso dos aparatos tecnológicos por meio dos quais os sujeitos mediados se põem em contato e estabelecem contrato, negociação, troca, comunhão. Situados em uma relação transitiva, um e outro se encontram em seus percursos narrativos: o de se construir identitariamente na e pela interação. Uma construção que se processa por meio da figuratividade que, na sua dinâmica de traduções, produz imagens que dão visibilidade a um sujeito e ao outro que o vê. Nessas duas posições actanciais, demarca-se a orientação volitiva que move a dinâmica do tipo de relação interativa. Essa é marcada a partir do posicionamento que ocupam esses dois partícipes: um sujeito, o sujeito 1, que se faz visível, pelo seu querer ser visto pelo outro, aquele que vê esse mostrar do primeiro e, ao vê-lo, enquanto sujeito 2 mostra-se olhando o primeiro. Com suas ações em correlação, essa operação define-se pela intersubjetividade que é a marca pelas intencionalidades desses dois sujeitos movidos pela sua volição que se põem ao interagir cada um na configuração de simulacros de si fazendo-se em relação ao outro. Nem a imagem de um, nem a do outro carregam uma neutralidade, uma ingenuidade e nem o processo que estabelecem é meramente informativo. Muito mais, na circulação das imagens de cada sujeito e das imagens das interações, é que vai ser explicitado que a produção desse discurso da visibilidade constitui-se em necessidade social dos modos de existência do contemporâneo. Assim, esse discurso das narrativas que os sujeitos vivem a experiência de sua visibilidade em figuras do seu parecer traduzidas em processamentos linguísticos está inexoravelmente ligado à história, carregando e sendo o locus e a temporalidade dos valores que consubstancializam a axiologia da economia capitalista de mercado global que o produziu. Diante de sua coação, a ambientação digital camufla justamente o seu valor tesorizável e, como estratégia midiática reoperadora continuamente do processar funcionalista que a originou, ela faz ser vista pelo outro, pelos usuários, como lugar democrático, que impõe a esse estudo ser explicitado a armação e instalações de suas orientações no enunciado, que são realizáveis somente pela desmontagem que não seja um desmanche da montagem, possibilitando a apreensão do sentido sensível e inteligível com suas orientações traçadas pelo parecer figurativo escolhido pelos mecanismos enunciativos que são os operadores da visibilidade.

Tornar-se visível é, ao mesmo tempo, pôr-se em ato de fala com o outro, portanto, em dialogia, que pode se estabelecer a partir das várias posições que os sujeitos ocupam na relação transitiva estruturada pelos dois pólos da produção e da apreensão do sentido. Assim,

a configuração da visualidade determina a interação que se processa em vários tipos de arranjos. Conhecer as suas formas, a sua materialização em articulações de linguagens, as interações estabelecidas entre os sujeitos, aproxima justamente o estudioso do constructo da luz, que transporta opticamente esses sujeitos, com a mediação do aparato tecnológico, integrando o ato de fazer ser um sujeito para um outro sujeito, por meio de um parecer, que é a configuração corpórea significativa desses dois partícipes depreensíveis por suas figuratividades nas narrativas. Para Greimas “a luz é o patamar mais profundo da visualidade” (GREIMAS: 1987 - 2002 trad.- p. 26) e é sob forma luminosa que apreendemos esses simulacros constituídos por imagens de si. Como define Landowski (1989), simulacro é um constructo de linguagens arranjadas figurativamente por escolhas enunciativas pelas quais um sujeito, o destinador, projeta uma angulação de si, manifestando-se no social como uma presença, e também projeta na sua angulação aquela do seu destinatário com o qual desenvolve o fazer interpretativo dos sentidos.

A apreensão desse se fazer visível é projetada na contemporaneidade para o outro visando, de certo modo, uma forma de consumo. Entretanto, trata-se de um consumo do próprio sujeito que se lança em construções narrativas, nas quais figura como actante principal, utilizando a rede planetária como uma estratégia de auto-exposição indicativa de um exarcebado cultivo da visibilidade. Por essa razão, essas construções narrativas podem ser tomadas como configurações dos sujeitos do discurso encarnando os do mundo global.

As formas de vida da atualidade podem ser apreendidas no modo como as formas de narrativas apresentam os sujeitos, objetos e valores em situação, formas essas que trazem em si aquelas da constituição identitária de seu internauta. Investigamos em um corpus variado da produção que circula no ciberespaço o papel de colocação em discurso dos dois regimes da narrativa propostos pela semiótica: regime de junção (Greimas: 1977) e regime de união (Landowski, 2004, 2005). Examinaremos nas narrativas as relações que são estabelecidas entre a visibilidade dos sujeitos nos seus modos de presença e a constituição figurativa atravessadas por construções axiológicas que nos conduzem à análise das configurações intersubjetivas, dos modos de sentir intersomáticos que operam nos dois pólos da interação produtora do sentido.

A caracterização da ação do sujeito de fazer-se presente a outro no ciberespaço é possibilitada por uma modificação de sua situação espacial de um “alures”, de um “lá”, para ser posicionado em um “aqui” e em uma temporalidade do “agora”. Com esse procedimento enunciativo do tipo “em ato” é que se instala o processo comunicativo do tipo interlocucional

na forma de um face a face e até de um corpo a corpo presenciais à despeito das interfaces de mediação. Entre essa passagem dos integrantes da comunicação de distanciados (debreagem) a se pôr em contato (embreagem), tem-se dois estados da sintaxe comunicacional que permitem depreender na instalação do “eu-tu”, “aqui-agora” a materialização de uma forma de presença em ato interativo em que os sujeitos estão em proximidade optimal. Assim postos em cena global de visibilidade mediática pelos procedimentos de instalação das presenças, de convocação dos sujeitos envolvidos na sintaxe do ver e ser visto no ciberespaço reluzem as imagens autográficas.

O que esses cibersujeitos encenam são pequenas histórias (narrativas) de si mesmo, “fatias de vida” segundo Greimas (1987), que articulam, no encadeamento de enunciados de estado e de fazer, as competências predicativas (cognitivas: “saber” e “poder” colocar-se em interação, com uma dada competência performativa de ordem sensível e de ordem inteligível; volitiva: “querer se mostrar”, prescritivas: “dever se mostrar”), suas *performances*, com o conjunto de enunciados de transformação e de estado, assim como as afetações que desencadeiam percursos patêmicos sancionados socialmente. As narrativas mostram o sujeito em ação, deixando entrever investimentos semânticos indicativos de construções simbólicas. Predominam nessas construções um culto do eu e das suas formas de visibilidade.

Movido por uma construção axiológica dominante, o sujeito não é levado a refletir ou mesmo considerar os valores no ato em que os adota. Em grande parte essa atuação é explicada pelos procedimentos de manipulação por sedução, que são dominantes nos arranjos, e determinam a adesão massiva dos internautas no mercado das trocas simbólicas que esse *media* mobiliza, ao mesmo tempo em que é o próprio circuito mediático das mediações que opera o estar e viver junto na sociedade globalizada.

Assumindo que a narrativa é um dos universais da busca humana do sentido, A. J. Greimas postula que o discurso narrativo se apresenta sob a forma de circulação de objetos de valor. Sua organização pode ser descrita como uma sequência de trocas de valores, operação que implica uma assunção de um contrato fiduciário entre os sujeitos da troca; contrato esse que fixa o valor dos objetos colocados em jogo, determinantes para a depreensão dos desejos e das pulsões do sujeito, conferindo visibilidade também às necessidades e às volições do agrupamento social.

Como todo ambiente em que nos colocamos enquanto sujeito, a cibercultura possibilita por suas narrativas, vivências que marcam aqueles que as vivem como formas de experiência de vida que são provadas por cada sujeito participante. Assim é como um vivido

que as experiências se convertem em cenas de subjetividade quer do entorno, quer dos próprios sujeitos que são afetados, quer também das afetações de uns aos outros. No encontro do sujeito com o objeto de valor, nos seus percursos de busca, uma sintaxe do regime de junção é postulada pela gramática narrativa de Greimas, para descrever essas narratividades marcadas pelas seqüências de enunciado de estado e de transformação. Mas, o outro lado dessa narratividade é definido por Landowski (2004), como o regime da união. Esse enunciado de um estado de vida passa de uma forma de contato mútuo a de uma ocorrência compartilhada entre um eu e o outro, que é sentida em seu processamento, portanto, muito mais da ordem do sensível do que da racionalidade. Esse sentido é co-produzido na própria situação. Ocorre entre os mesmos um contato em que os sujeitos da interação partilham o estado e o desfrutam em sua co-presença. Sem nenhuma outra busca, esses sujeitos vivenciam exatamente o desfrutar do sentido do que já são em um autoaprazer-se significativo por sua vivificação do que o sujeito é. Essas duas distintas sintaxes narrativas com o estudo correlato das posições constituintes da sintaxe da visibilidade nos permitem analisar o amplo espectro de tipos de narrativas do ciberespaço.

Postulamos, então, que o ciberespaço e suas narrativas tornam-se assim uma via de mão dupla que, na sua dinamicidade é geradora de mutações dos sujeitos, assim como de seus estados de alma e de ânimo, mas também é geradora de experiências que são partilhadas pelo sentir em reciprocidade e até mesmo em flexibilidade dos sujeitos actantes.

No plano conceitual, há que se observar que a construção do sujeito, conforme a entendemos na atualidade, só se edifica na relação de alteridade. Assim, o sujeito se constitui enquanto tal como efeito de uma equação que requer, obrigatoriamente, a figura de um Outro complementar, concretizada na interação e nos esquemas elaborados em uma dialética interior e exterior. Sobre essa relação, Landowski assinala:

(...) condenado, aparentemente, a só poder construir-se pela diferença, o sujeito tem a necessidade de um ele – dos “outros” (eles) – para chegar à existência semiótica, e isso por duas razões. Com efeito, o que dá forma a minha própria identidade não é só a maneira pela qual, reflexivamente, eu me defino (ou tento me definir) em relação à imagem que outrem me envia de mim mesmo; é também a maneira pela qual, transitivamente, objetivo a alteridade do outro atribuindo um conteúdo específico à diferença que me separa dele. Assim, quer a encaremos no plano da vivência individual ou (...) da consciência coletiva, a emergência do sentido de “identidade” parece passar necessariamente pela intermediação de uma “alteridade” a ser construída. (LANDOWSKI, 1997.)

Tomamos como uma grande hipótese desse estudo o fato de que as narrativas são edificadas pelos usuários do ciberespaço como meio e fim de seus percursos de construção

identitária. Nessa perspectiva, as construções dos modos de presença nesse ambiente possibilitam tanto a emergência do olhar do outro quanto ofertam ao sujeito a concretização de seu desejo de se fazer visível pelo outro.

Atualmente, temos acompanhado uma crescente exposição de diários virtuais na Internet, edificados no plano da visibilidade, como os perfis em redes sociais (Orkut, Facebook, Twitter), inserção de vídeos (YouTube), inserção de fotografias (Flickr), páginas pessoais, entre tantos outros, que nos permitem sondar algumas transformações na produção das subjetividades contemporâneas, posto que nem sempre foi assim. Conforme sabemos, a modernidade conviveu com modos de construção subjetiva pautados muito mais na introspecção e interiorização, conforme nos mostra Sibilía, 2003. Nesse horizonte de percepção, buscar-se-á aproximar-se dos valores veiculados nas construções subjetivas que se perfazem no eixo da visibilidade, deixando entrever visões de mundo e construções axiológicas que subjazem a construção identitária do sujeito da atualidade.

A fim de identificarmos os percursos narrativos, temático-figurativos e de valores que perpassam as narrativas dos discursos assinalados, visando mostrar não apenas “o que dizem”, mas o “como dizem”, pautaremos nosso estudo na semiótica discursiva da escola francesa, debruçando-nos, sobretudo, na sociosemiótica de Eric Landowski, na semiótica sincrética (Oliveira e Teixeira (Eds.), 2009) e na semiótica plástica de Floch (1990, 1984), buscando, na discursivização das narrativas propaladas, dialogar com a densidade conceitual das pesquisas sobre o fenômeno da visibilidade mediática, tratada não apenas do ponto de vista do conteúdo, que seria, em seu contexto de tipificação, sua forma de atuação mais banal, mas como formato não materializado, ou, na definição de Trivinho, 2008: “o ‘espaço’ longitudinal imaterial de circulação e migração intermediática de signos autoreferencializados”; “‘corredor simbólico’ dinâmico e majoritário da cultura contemporânea” por meio do qual se dá a transmissão do processo civilizatório. Baseando-nos ainda nos estudos de Paul Virilio, (1994, 1996, 2005), Pierre Bourdieu (2001), Jean Baudrillard (1981, 2001) e Pierre Levy (1999, 2007), que nos serviram de porta de entrada em tal campo investigativo.

Centrado na sincretização de mais de uma linguagem: verbal, gráfica, sonora, visual, espacial, os recortados na produção da cibercultura agrupam um arsenal de situações criadas para fazer o sujeito ser. Essas fatias de vida são vividas por todos os que estão conectados e perduram quando não mais estão, o que produz uma interpenetração entre os distintos mundos das diferentes mídias que mostram assim estar atuando junto em uma construção da cultura mediática.

O ponto de vista materializado no corpus

Ao que tudo indica, na moderna sociedade do espetáculo, ou do hiperespetáculo, que vive de imagens, a princípio dos outros e agora as suas próprias, predomina o discurso das aparências como postula Oliveira (2008). Em suas palavras: “tudo o que se faz vai sendo orientado para ser visto e o que é para ser visto vai sendo moldado de acordo com padrões esquematizados” (OLIVEIRA, 2002). Assim, parecem se efetivar os 15 minutos de fama de cada um, outrora preconizados por A. Warhol para uns poucos integrantes da mitologia mediática. Ainda como coloca Oliveira (2009), a visibilidade é “uma angulação, uma perspectiva de fazer, pensar e se portar que é passada como a totalidade do ser. Esse conjunto visível, da ordem do parecer, que se impõe no social, reúne o desejo dos sujeitos em vir a conquistar tais atributos para ser”.

Para tratar do escopo dessa temática, no que concerne às narrativas como formas de projeção subjectal e de visibilidade mediática, o ciberespaço é mais um dos lugares do sujeito ganhar existência e obtenção de valoração social. Dos ambientes mediáticos, e das formas de partilha de experiências, essa pesquisa lançou mão de quatro objetos de estudo em que desenvolve análise que embasa o desenvolvimento da reflexão da problemática da visibilidade de que a mesa se ocupa.

O primeiro deles é da mestranda **Marina Wajnsztein** e tem como título: *Narrativas digitais e comunitárias: Um novo jeito de construir histórias coletivamente pelo site Flickr*. Os percursos identitários percorridos digitalmente e corporalmente pelos usuários do site *Flickr* são vitais para o funcionamento da comunidade. A abordagem enfoca a construção de narrativas coletivas dentro do campo digital, considerando as ferramentas que o sujeito modalizador *Flickr* fornece aos seus usuários. A análise resultou em uma visão da sociabilidade e de práticas narrativas consideradas inovadoras na estética contemporânea.

O segundo trabalho é da mestranda Josenilde S. Souza – **Jô Souza** e o título é *Modos de narrar do vídeo experimento Des (encontro)*. Este estudo tem por finalidade analisar o vídeo-experimento *Des(encontro)* a partir da sua narratividade e dos procedimentos estéticos utilizados na sua construção. A narrativa é um discurso capaz de articular os fatos, incidentes da história e do tempo social, podendo ser tomada como uma exploração da experiência humana em um tempo e espaço. Temos no vídeo-experimento *Des(encontro)*, de autoria de Ana Paula Ferreira e Jô Souza, o percurso da noiva performer que se abre para a possibilidade

de se falar de uma estética relacional, nas formulações de Nicolas Borriaud (2006). As idéias desse autor são importantes para rever de toda uma epistemologia do fazer artístico, sobretudo em nossa contemporaneidade, no sentido de repensar a subjetividade e a experiência artística. O vídeo foi realizado a partir de imagens capturadas exclusivamente por câmeras de aparelhos celulares (equipados com câmera digital). Acreditamos que os novos aparatos tecnológicos e comunicacionais permitem, além das facilidades utilitárias, construções estéticas diferenciadas, dos modos de narrar e de elaborar problematizações referentes neste fazer ao enfrentamento da questão técnica versus a da estética.

O estudo seguinte trata de objetos de comunicação mercadológica, considerando-os como o conjunto de possibilidades de divulgação que uma organização pode usar para seus produtos, serviços e marcas, entre as quais se sobressaem atualmente os meios digitais. O emprego de tais meios é pauta frequente nas áreas de marketing e comunicação das empresas, devido aos novos hábitos e comportamentos que propiciam ao público em geral. As organizações, habituadas a atuar como destinadoras de mensagens, se vêem diante das manifestações dos internautas, que assumem tal papel e as colocam na posição de receptoras, forçadas a se posicionar em relação a elogios, reclamações ou demandas dos consumidores. Diante dessa mobilidade de papéis actanciais, elevamos a discussão (no bojo do projeto semiótico) do nível discursivo ao nível semionarrativo, com o objetivo de pontuar as diferenças de percursos construídos em cada momento resultante dessa dança de atores, enunciadore e destinadore (e, por conseqüência, dos sujeitos com os quais se relacionam). Como procedimento de organização desses discursos, procurarmos delinear fronteiras virtuais entre os territórios das empresas detentoras de marcas, dos internautas (por exemplo, blogs, comunidades, redes sociais) e de “terceiros” (esses últimos considerados territórios não exatamente neutros, mas abertos tanto à atuação dos consumidores quanto das marcas, como sites de empresas de comunicação e portais de conteúdo). Assim, vamos observar brevemente a troca de papéis de enunciação em três discursos referentes ao evento promovido pela Ambev para a promoção da marca Bohemia: um realizado no ambiente da marca, o segundo no território de uma cobertura jornalística e o terceiro no site Youtube.com, que traz um vídeo postado por uma participante da festa. Essa análise comparativa emprega os postulados da semiótica narrativa, no que concerne especialmente aos regimes de sentido e de interação na visão ampliada de Landowski da gramática narrativa, a qual envolve os procedimentos de programação, a manipulação, o ajustamento e o acidente, tendo em vista que a articulação entre os regimes torna a construção de sentido mais complexa e também mais completa. Em

termos práticos, essas análises nos permitem ainda vislumbrar novas necessidades de atuação das empresas nas práticas mercadológicas e de comunicação, que respondam adequadamente aos hábitos e demandas dos consumidores contemporâneos. Temos a impressão de que, ainda que os comportamentos continuem a ser guiados por valores genéricos e que a “liberdade” acabe por isso comprometida, a percepção dos consumidores sobre esse poder de comunicar os coloca em posição diferenciada em relação ao que ocorria antes na comunicação de massa empregada pelas empresas nas mídias convencionais. Atualmente, o consumidor também pode assumir o papel de destinatário manipulador, usando com objetos de valor para suas empresas, o seu poder de compra, seu saber sobre as ofertas concorrentes, sobre as fragilidades dos produtos (informadas por exemplo, por outros consumidores insatisfeitos). Por outro lado, sua identidade revelada nos meios digitais, oferece possibilidades de abordagens comerciais muito mais diretas por parte das empresas. Esses e outros debates decorrem das diferentes posições enunciativas e narrativas sobre as quais pretendemos discorrer e que configuram os novos desafios da comunicação mercadológica na atualidade.

A próxima abordagem é da doutoranda **Simone Bueno da Silva** intitulada: “**A construção narrativa do sujeito na mídia massiva e Internet**”. O trabalho propõe uma reflexão sobre os percursos de construção identitária do sujeito da atualidade a partir da comparação de um dos mais populares *sites* de uma rede social de relacionamento na Internet – O *Orkut* – e um programa televisivo - *Big Brother Brasil* - ambos de grande alcance e cobertura no cenário nacional. Ressalvadas as diferenças tecno-estruturais concernentes a cada meio, a busca é analisar, em uma perspectiva interdiscursiva e intertextual, algumas constantes que perpassam as discursivizações das narrativas de construção identitária, tensionando os processos de migração mediática de signos de construção identitária, calcados no plano da visibilidade, do meio massivo para o da Internet. A perspectiva comparativa busca, a partir de um olhar voltado para as lógicas das construções narrativas, dentro dos pressupostos teóricos da semiótica do discurso, detectar níveis de invariâncias nos percursos de construção identitárias modelares que perpassam distintos meios, mostrando como essas se constroem e como criam relações de identificação com os sujeitos enunciatários, articulando diferentes regimes de interação e de sentido. O conceito de narrativa será tratado no encadeamento de enunciados que deixam entrever modos de ser e estar euforizados no espaço social, atravessados por formas de vida e de gosto bem como de consumo e o de narratividade como o fazer transformador característico da busca existencial e autobiográfica do sujeito humano em projeto constante de elaboração e re-elaboração subjetiva. Dessa forma,

tais conceitos se mostram como contribuições relevantes para os estudos sobre os percursos de construção identitária nos textos tratados bem como do modo próprio de existência desses, desvelando não apenas as práticas narrativas no nível do enunciatário/destinatário, mas também no nível do enunciador/destinador de modelos, apontando para a edificação de uma identidade própria de cada formato e todo o universo simbólico e axiológico que movimentam.

Regimes de sentido e regimes de interação em suas dinâmicas

Ao distinguir “narratividade” de “narrativa” nos quatro *corpus* específicos e das análises dos mecanismos de circulação dos valores, chegamos na caracterização dos regimes de interação, examinando algumas manifestações em que o advir do sujeito dá-se tanto por suas buscas predicativas, quanto pelos encontros experienciais. Abordamos o contínuo estado de devir que os usuários são colocados e postos a vivenciar na experiência da mutabilidade dessa rede de transformações cujos contratos de veridicção, de fidúcia e todos tipos de negociação e de estados de compartilhamento constituem-se cada vez mais como mundos de vida possíveis para o sujeito estar e assim ser no espaço mediático.

No quinto trabalho, a proponente da mesa aborda, em conclusão, que, na base dos vários sites e redes sociais formadas no ciberespaço, mas também nas que se formam na audiência massiva de programas televisuais, estão as estruturas reguladoras e previsíveis do regime de Programação cujas etapas são compostas de um rol de operações a serem executadas pelo usuário em conformidade com o planejado pelo destinador em prol do assegurar a continuidade do acesso. Instalado em dado lugar do ciberespaço e só então que o “estar aí” em uma relação de inclusão começa a operar. Assim, a repetição de ações objetiva a automatização das mesmas e, de tanto repetir esses atos se incorporam a uma rotina partícipe da continuidade do mundo do sujeito que sabe o que espera encontrar ao efetuar os passos de seu acesso no ciberespaço, tanto quanto no ligar a TV e sintonizar um dado programa. Rota aprendida, o usuário passa a não mais pensar na sequência dos pequenos atos dos procedimentos que é levado a executar para ter o seu acesso. Seu fazer é o de seguir as operações determinadas por um destinador unilateral com controle de sua entrada no universo dos regimes de presença ciberespacial.

Uma vez rompida as etapas dos atos de Programação, as análises vão se debruçar nas dinâmicas do sentido entre procedimentos por Manipulação e por Ajustamento com suas passagens pelo procedimento de Acidente. Esses procedimentos atuam em relação e formam

regimes segundo a proposta de Landowski (2005). A imprevisibilidade do regime do acidente carrega a força de revigorar o dinamismo das narrativas com as suas narratividades distintas.

Como conclusão dessa abordagem conjunta, Ana Claudia de Oliveira afirma nessas análises do *corpus* abordado como a fundamentação da semiótica francesa explicita essa como uma das epistemologias dos estudos da Comunicação. Mostrando como seus desenvolvimentos teóricos oferecem um quadro conceitual e metodológico para estudo do inteligível e do sensível da produção mediática atual, em especial a do ciberespaço.

No primeiro livro de Algirdas Julien Greimas, *Semântica estrutural* (1966), o semioticista convidava à reflexão do fato de o homem ser assaltado a cada instante por convocações que lhe exigem o seu ato de construir a significação de sua situação no mundo. Em 1987, no seu último livro *Da imperfeição*, o seu convite renovou-se ao nos levar a considerar a “usura do sentido” na totalidade das construções em que o sujeito está inserido. Continuadamente posto como sujeito da busca do sentido, busca que, por definição, é aquela do seu próprio sentido nas situações em que vive, Greimas indica que essa é a construção narrativa que salva o sujeito, ao lhe promover continuamente a resignificação de si, das coisas, do social. O *corpus* estudado evidenciou a força significante das narrativas para o viver significado do sujeito que se desenrola no ciberespaço, quer nas horas de trabalho, quer nas de lazer, o que nos levou a considerar o ciberespaço como espaço da ordem do vivido em que as experiências de busca do objeto de valor e as experiências do encontro com esses são encenadas. Postulamos que o que se passa entre os sujeitos é do âmbito da experiência de vida e, uma vez que esses tipos de percursos narrativos são processados “ao vivo”, “em ato”, verificamos que se atribui à realidade virtual o estatuto de realidade semiótica de vida.

Essa problemática fez ressaltar o tipo de olhar que projetamos sobre o mundo tratando-o em uma perspectiva predominantemente interacional ou interativa a partir da qual o sujeito afirma o seu ser e estar no mundo. Um contexto de interações que, em função de suas instruções específicas e de suas realizações manifestas vão caracterizar os sujeitos que as fazem existir ao mesmo tempo em que lhes dá existência e regimes de presença.

Em relação ao protagonismo do “eu”, propalado, especialmente nos *sites* de relacionamento pessoal, nota-se, como estratégia discursiva, o *fazer crer* para o enunciatário de que ele é o protagonista absoluto, em narrativas que se constroem sob a isotopia do eu, disseminada em páginas *linkadas*, porém, é forçoso notar que por trás desse aparente protagonismo vigora o imperativo da visibilidade mediática. Na axiologia da produção de um vídeo com os aparatos da telefonia móvel, ou os sites com os aparatos do ciberespaço no nível

fundamental da axiologia que estão em circulação os modos de visibilidade podem ser entendidos como o verdadeiro protagonista a imperar sobre os modos de presença. Como destinador maior, o da totalização transmidiática, ou intermediática, esse se perfila pelos demais os englobando na tessitura da cultura mediática global.

Esse fazer ser é centralmente um domínio da enunciação que envolve os modos do destinador instalar nas estruturas discursivas do processo comunicativo para que os valores em circulação e os pontos de vista manifestos em uma textualidade sejam depreendidos pelo destinatário que desempenha vários regimes de presença na sua interação com o destinador que a pesquisa caracterizou.

Nossa hipótese de que a produção mediática em seu construto enunciativo é uma possibilidade contemporânea do sujeito advir e ser encontra-se assim provada. Independentemente das variações discursivas, o que é constante nos enunciados vários que assumimos como invariante é justamente tornar-se um *locus* das transformações, do devenir que é o próprio definir de narratividade na teoria de Greimas.

O ato de se constituir no plano da visibilidade coloca o sujeito enunciatário diante da possibilidade de criar narrativas de vida em espaços privilegiados e sedutores de divulgação de si, calcados sobremaneira no imaginário. O sujeito passa então a contar com um espaço de construção e de reconhecimento de si que, em certa medida, assume o papel que fora em outros tempos do espelho. Imagem essa que constitui a grande metáfora do próprio modo de existência do discurso mediático e que pode nos servir de pista para pensarmos as construções subjetivas da contemporaneidade a partir dos ambientes mediáticos.

Em cada uma das mídias também é posto em visibilidade a tentativa de cada uma de construção de si mesma com um caráter mais aberto na sua reconstrução permanente, que implica na construção identitária do próprio meio que pode ser comparada, grosso modo, à fragmentação das subjetividades contemporâneas, flagrada no cenário pós-moderno, como apontam os estudos de teóricos correntes do tema e como também mostraram o *corpus* que analisamos.

Referências bibliográficas

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Trad. de Maria João da Costa Pereira São Paulo: Relógio D'Água, 1991.

_____. *A ilusão vital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BOURDIEUR, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. de Fernando Tomaz. Ed 34. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BORRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. Tradução Cecília Baceyro e Sergio Delgado. Córdoba: Editora Adriana Hidalgo, 2006.

_____. *Postproducción*. Tradução Silvio Mattoni Delgado. Córdoba: Editora Adriana Hidalgo, 2004.

FERRARI, Márcio. “Friedrich Nietzsche, o filósofo da afirmação da vida”. In: *Revista Nova Escola*, São Paulo: Editora Abril, n. 217, Nov, 2008.

FIORIN, José Luís. “Semiótica e comunicação”, In *Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica e Cultura*, n. 8. São Paulo: EDUC, 2004.

FLOCH, Jean-Marie, *Identités visuelles*. Paris, PUF, 1995.

Petites mythologies de l’oeil et de l’esprit. Paris-Amsterdams, Benjamin, 1984.

GREIMAS, Algirdas Julian . *Da imperfeição*. Trad. A. C de Oliveira. São Paulo: Hacker: 2002.

_____. *Semântica estrutural*. Trad. Isidoro Blikstein. Cultrix, USP: Saõ Paulo, 1976.

_____. *Maupassant: La semiotique Du texte, exercices pratiques*, Paris: Seuil, 1977.

GREIMAS, A. J. e COURTÉS. J. *Dicionário de Semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, s/d. MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

LANDOWSKI, E. “*Interactions risquées*”. *Nouveaux Actes Semiotiques*, n. 103-105. Pulim: Limoges, 2005.

_____. *Passions sans nom*. Paris, PUF. 2004.

_____. *Presenças do outro*. Trad. Mary Amazonas. São Paulo: Perspectiva, 1997.

_____. *A sociedade refletida*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

LASCH, C. *Cultura do narcisismo*. Trad. de Ernani Pavaneli Moura. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

MAFESSOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

_____. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Trad. de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MANOVICH, L. (2001). *The Language of New Media*. Cambridge: Mass, MIT Press, 2000.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. “Visualidade processual da Aparência in Oliveira, A.C, e Castilho, K. *Corpo e moda. Por uma compreensão do contemporâneo*. São Paulo, estação das Letras e das Cores, 2008.

_____. “Semiótica e modos de aparência”. In Revista *Dobra(s)* n. 2. 2007.

_____. “Nas interações corpo e moda, os simulacros”. *XIII Colóquio do CPS*, São Paulo, 2007.

_____. “Espaços e tempos (pós) modernos ou na moda, os modos. In J. Guinsburg e A. M. Barbosa (orgs). *O pós-modernismo*, São Paulo: Perspectiva, 2005.

TRIVINHO, Eugênio. *A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada*. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. Cibercultura e existência em tempo real: contribuição para a crítica do modos operandi de reprodução cultural da civilização media'tica avançada. In: e-compós-Revista da COMPÓS – Associação Brasileira de Programas de Pós Graduação em Comunicação, São Paulo, n. 9, agost. 2007b. Disponível em: http://www.compos.org.br/files/01ecompos09_EugenioTrivinho.pdf, acesso em 03/04/2009.

_____. Visibilidade mediática e violência transpolítica na cibercultura: condição atual da repercussão social-histórica do fenômeno glocal na civilização mediática avançada. In: XII encontro Nacional da Compós, 2008, São Paulo. Disponível em <http://>

_____. O bunker glocal e seu paradoxo: dialética operacional *entre* “refechamento” e “abertura” na civilização media'tica avançada. *Revista Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica e Cultura*, n. 16, dez.2008. São Paulo: EDUC, 2008.

VIRILIO, Paul. *A máquina da visão*. Trad. de Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

_____. *Velocidade e Política*. Trad. de Celso Mauro Parciornik. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. *Cibermundo, a política do pior*. Trad. de Francisco Marques. Lisboa: Teorema, 2000.

_____. *O espaço crítico e as perspectivas do tempo real*. Trad. de Paulo Roberto Pires. São Paulo: Editora 34, 2005.

SFEZ, Lucien. *Crítica da comunicação*. Trad. de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1994.

SIBILIA, P. “Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica”. In Cd Rom da XII Compós.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho*. Petrópolis: Rio de janeiro, 2002.

LEVY, Pierre. O que é o virtual? Trad de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 2007.



_____. *Cibercultura*, Trad. de Carlos Irineu da Costa, São Paulo: Editora 34, 1999.